

O livro é de papel, e a imaginação rola solta: a biblioteca escolar na ótica de jovens estudantes¹

Suzana Feldens Schwertner², Jaqueline Maria Conrad³, Daniela Diesel⁴, Daniela Maria Weber⁵

Resumo:

O artigo apresenta narrativas e imagens produzidas por jovens estudantes acerca da biblioteca escolar, a partir de discussões sobre as funções da escola na contemporaneidade. O estudo, de caráter qualitativo, fez uso das técnicas de grupo focal e photo elicitation, com estudantes de duas escolas do interior do Rio Grande do Sul. As narrativas e as imagens apresentam as percepções dos estudantes sobre a leitura e a biblioteca escolar, como a necessidade de dinamizar as práticas além da sala de aula, a leitura como base do conhecimento, a valorização do espaço da biblioteca e a importância do livro impresso.

Palavras-chave: estudantes; fotografia; leitura; biblioteca; escola.

1 Agradecimentos: CNPq; FAPERGS; Univates.

2 Doutora em Educação.

3 Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES.

4 Licenciada em Educação Física e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino - Centro Universitário UNIVATES

5 Licenciada em História e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino - Centro Universitário UNIVATES.

A printed book, and imagination runs free: the school library from the perspective of young students

*Suzana Feldens Schwertner, Jaqueline Maria Conrad, Daniela Diesel,
Daniela Maria Weber*

Abstract:

This paper presents narratives and images produced by young students about the school library in the context of the discussions about the school functions in contemporaneity. This qualitative study used the techniques of group focus and photo elicitation with students, which attend two schools in the countryside of Rio Grande do Sul. The narratives and images present the students' perceptions of both reading and the school library. They manifested the need for dynamizing the practices beyond the classroom, the conception of reading as the base for knowledge construction, the valorization of the library as well as the importance of printed books.

Keywords: students; photography; reading; library; school.

1 Introdução

O presente estudo é oriundo do projeto de pesquisa *A escola e as novas configurações da contemporaneidade: a voz de estudantes concluintes do Ensino Médio e Fundamental* (MCTI/CNPQ/Universal 14/2014), que teve início no ano de 2014 com o intuito de discutir, por meio de autores como Michel Foucault (2015; 2002), Júlio Groppa Aquino (2000; 2007), Paula Sibilia (2012) e Jan Masschlein e Maarten Simons (2014), as configurações da instituição escolar na atualidade. O problema central da pesquisa aborda as funções da escola na contemporaneidade: como a instituição escolar em suas configurações atuais aparece nos discursos produzidos por jovens estudantes? Quais seriam os aspectos a se considerar, a se destacar e a se mostrar acerca do lugar da escola na vida de cada um deles?

A investigação tem como objetivo compreender o lugar da escola contemporânea na vida de estudantes concluintes do Ensino Médio e Fundamental. Entendendo-os como pertencentes a esse processo, busca promover um espaço de escuta e de produção dos alunos acerca das funções da instituição escolar. Trata-se de abrir um espaço para contemplar e para problematizar a ótica daqueles que também compõem o universo escolar, mas cujas vozes são poucas vezes escutadas.

Nesta pesquisa, não tivemos como finalidade principal analisar ou explorar as leituras dos estudantes na escola; também não foi nossa intenção discutir sobre a leitura de literatura na escola, ou sobre a “paixão de ler”; tampouco buscou-se verificar a importância do espaço das bibliotecas na escola. Contudo, esses resultados foram surgindo com intensidade e recorrência nos encontros que realizamos com os estudantes desde o ano de 2014, a partir da pergunta inicial da pesquisa: “Quais as funções da escola hoje?”.

Interessou-nos, no trabalho que apresentamos a seguir, discutir os elementos que apareceram em destaque nos resultados iniciais: a necessidade de dinamizar as práticas para além da sala de aula, a constante afirmação dos estudantes de que a leitura é entendida como base do conhecimento e a importância do livro impresso. Além disso, evidencia-se a importância atribuída pelos estudantes aos livros e ao espaço da biblioteca, como um espaço frequentado, utilizado, apreciado e valorizado por eles.

De forma bastante comum, ouvimos que os jovens da contemporaneidade não leem. Publicamente, são expressas opiniões nos meios de comunicação sobre a falta de incentivo das escolas e dos pais quanto ao hábito de ler: educadores, gestores e outros especialistas, reiteradamente, ocupam esse espaço para manifestar tais reclamações. Da mesma forma, escola e professores são também culpabilizados pelo “não ler” dos jovens. Será mesmo que os jovens não leem?

Cordeiro (2014), em recente reportagem, questionou o tipo de leitura que os jovens consomem, voltados para *best seller* e para os meios digitais, em detrimento dos clássicos da literatura. Leem por prazer, mas não leem por obrigação. Se as leituras estão diferentes, assim como os homens estão diferentes, será que o conceito que temos de biblioteca não está diferente? Será mesmo que a biblioteca escolar é apenas lugar para livros guardados e de leitura obrigatória? Escutemos o que os jovens estudantes que participaram desta pesquisa nos contam.

2 Discussões sobre a escola

A escola vem se modificando ao longo dos séculos, assumindo novos sentidos na contemporaneidade, mesmo que funcione, como ressalta Sibilia (2012, p. 16), como uma “tecnologia de época”, criada em um contexto e ainda atuando com as mesmas características, os estudantes se modificaram com a passagem dos séculos.

Como ressalta Sibilia: “Ainda que hoje pareça tão ‘natural’, algo cuja inexistência seria inimaginável, o certo é que essa instituição nem sempre existiu na ordem de uma eternidade improvável” (SIBILIA, 2012, p. 16).

Para Masschlein e Simons (2014), são muitos os que desejam restabelecer a escola como uma instituição normatizadora “[...] e tentam reinstalar a escola ‘clássica’ ou ‘tradicional’” (MASSCHLEIN; SIMONS, 2014, p. 19). Contudo, poucos parecem compreender, segundo os autores, os sentidos mais amplos sobre o formar e o educar crianças e jovens na escola, naquilo que denominam como “tempo escolar”, que passa por “[...] abrir o mundo e trazer o mundo (palavras, coisas e práticas que o compõem) para a vida. Isso é exatamente o que acontece no ‘tempo escolar’” (MASSCHLEIN; SIMONS, 2014, p. 97-98).

Tempo que, para Aquino (2007), já não é mais igual àquele da origem da escola. A escola acompanha as mudanças nos homens. Conta-nos ele que, na escola, deveria acontecer: “[...] não mais a coerção da disciplina, mas a cooptação do controle; não mais a contenção física dos corpos, mas o incitamento rumo a ideais intangíveis; não mais a exclusão dos diferentes, mas a adesão voluntária de todos” (AQUINO, 2007, p. 14).

Aquino (2007) nos questiona sobre se a escola também não vem se desfazendo de outras características que são nela marcantes, como a aprendizagem e o silêncio. Escreve o autor que:

[...] a massa de alunos continua frequentando regularmente as salas de aula pelos nove anos mínimos e obrigatórios, mas não se apodera de um olhar qualitativamente distinto sobre a vida e o mundo. À maneira de zumbis, os corpos encarnam passivamente (outras vezes, de modo ruidoso) as rotinas escolares por anos a fio, mas os espíritos não subtraem dali perspectivas relevantes para enfrentar o porvir. (AQUINO; 2007, p. 42).

Enquanto a escola e seus estudantes continuam se frequentando da maneira como podem, deixam-se de lado outras características e as muitas atribuições que tal relação possui. Existe um excesso de demandas que recaem sobre os espaços escolares, e cabe reflexão sobre o quanto a escola deixa de cumprir com o que, de fato, deveria cumprir, isto é, com a aprendizagem de seus estudantes. Nesse sentido, Aquino (2007) alerta:

No cotidiano escolar, é patente um inflacionamento das demandas pedagógicas ocasionado por um superávit de expectativas atribuídas aos profissionais – aqui “ensina-se tudo”: valores, atitudes, habilidades formais e informais e, enfim, destrezas intelectuais. Grande escola! Por outro lado, a alegação recorrente dos atores escolares é a aposta – aqui “já não se consegue ensinar quase

nada”, dada a desfiguração radical dos papéis de professor e aluno e, por extensão, a esgarçada dos vínculos entre eles. Pobre escola! Sem a adesão voluntária dos mais novos, qual o sentido dos esforços? - interrogam-se os professores. Sem uma sólida convicção dos mais velhos, qual a razão para a rendição? – indagam os alunos. (AQUINO; 2007, p. 24).

Os personagens da escola continuam sendo professores e alunos, e a ação principal é a de como fazem para produzir aprendizagens que sejam significativas para ambos, para que não caiam nos “sem sentidos” apresentados por Aquino.

A sociedade está diante de uma transformação de modos de ser e de estar no mundo, entre a escola tradicional e a constituição da escola contemporânea. Faz-se necessário romper com a ideia de que a inovação na educação depende, unicamente, da existência do acréscimo de recursos. Pelo contrário, conforme Canário (2006), a produção de mudanças qualitativas em um sistema, como é o caso da escola, corresponde também à capacidade de organizar os recursos existentes de modo diferente. De acordo com Sibilía (2012), as funções que são atribuídas à escola nos dias de hoje são inúmeras, porém, permanece como básica a proposta de se humanizar o sujeito, para que se possa tornar um cidadão na sociedade. Ao atingir essa meta, cabe, em segundo plano, tornar o aluno capaz de desenvolver determinadas habilidades, como a de ler e a de escrever.

No entanto, essas habilidades estão destinadas a serem aprimoradas e reconfiguradas constantemente, pois segundo Zygmunt Bauman, em entrevista a Alba Porcheddu: “[...] no ambiente líquido-moderno, a educação e o aprendizado, não importa o uso que se faça deles, devem ser contínuos e permanentes” (*apud* PORCHEDDU, 2009, p. 680). Estamos sempre em movimento quando se trata de aprender. Bauman questiona o durável, apresentando a contemporaneidade como o tempo do qual nos desprendemos:

A capacidade de durar bastante não é mais uma qualidade a favor das coisas. Presume-se que as coisas e as relações são úteis apenas por um “tempo fixo” e são reduzidas a farrapos ou eliminadas uma vez que se tornam inúteis. Portanto é necessário evitar ter bens, sobretudo aqueles duráveis dos quais é difícil se desprender (BAUMAN, *apud* PORCHEDDU, 2009, p. 663).

Se vivemos no tempo do descarte, podemos prever que os livros impressos e o uso da biblioteca iriam na mesma tendência, uma vez que se enquadram nos bens e nos espaços criados no período Medieval e popularizados na Idade Moderna, e que, por tendência, para Bauman, seriam descartados na contemporaneidade, substituídos pelos meios digitais, pelos “fornecedores de software para computador” (*apud* PORCHEDDU, 2009, p. 670), os mesmos que substituiriam o poder atribuído às instituições escolares: a substituição do que é palpável pelo que é digital.

Rodrigues (2016) apresenta dados de pesquisa realizada pelo Ibope em 2015 em que, dos 5012 entrevistados, “[...] entre os que compraram livros em geral por vontade própria, 16% preferiram o impresso e 1% o *e-book*”. Tais dados indicam que o espaço mais utilizado para a leitura é o de casa (81%), seguido pela sala de aula (25%) e pela

biblioteca (19%). Já para a leitura de livros digitais, a pesquisa indica que os espaços preferidos são os de *cyber* cafés e *lan houses* (42%) e durante o transporte (25%). A pesquisa também perguntou a professores qual tinha sido o último livro que leram: 50% responderam que não estavam lendo nenhum, e 22% indicaram a Bíblia como sua recente leitura. A pesquisa é encerrada apresentando que, em 2015, 56% das pessoas leram ao menos um livro a cada três meses.

3 Leitura e escola

Ao problematizarmos a leitura na escola, os novos modos e as formas de se ler na contemporaneidade, apercebemo-nos abordando o espaço em que se encontram esses livros: tradicionalmente, o espaço da biblioteca. Sacristán (2005) escreve sobre os espaços escolares e sobre como nos envolvemos e como somos afetados por eles. Segundo o autor, o espaço não é apenas uma dimensão física, constitui-se em “nicho ecológico”:

[...] representa algo para nós, nos afeta e envolve, não é neutro, nós o valorizamos, é um âmbito em que nossa experiência fica associada. O espaço não é indiferente para nós, nos afeta por sua presença e aspecto, pelos estados de ânimo que propicia, pela satisfação que produzem em nós as atividades possíveis de serem realizadas nele, pelo estilo de vida que permite. A casa nos faz descobrir seu habitante (SACRISTÁN, 2005, p. 145).

Os espaços não são neutros, produzem efeitos em nós, em nosso cotidiano; modificam-nos, ao mesmo tempo em que podemos modificá-los. Como os espaços da escola, especificamente o da biblioteca escolar, podem ser significados por aqueles que o habitam? Como descobrir seus habitantes? Ou como os habitantes desses espaços são afetados?

Ao problematizar a estética dos espaços escolares, Sacristán (2005) já havia questionado o quanto eles se apresentam, ainda em muitas escolas, como espaços fechados, duros, rígidos – em consonância com a ordem e a disciplina ali solicitados. Escreve o autor:

Os espaços escolares, com sua sobriedade, rigidez, e até uma certa rusticidade, refletem mais seu passado disciplinador do que uma preocupação por estabelecer neles ambientes agradáveis nos quais se tem de passar tanto tempo (SACRISTÁN, 2005, p. 145).

Assim também parece acontecer, em muitas escolas, com o espaço da biblioteca escolar. Criado como ambiente propício para a leitura, o estudo e a pesquisa, Sacristán (2005) apresenta igualmente outros usos para ela, como o fato de receber estudantes que não se adaptam aos demais espaços da escola, especialmente a sala de aula. Conforme o autor:

O espaço escolar foi sendo modelado para que nele tenham lugar determinados acontecimentos, para realizar algumas atividades ou levar um determinado estilo de vida específica [...]. A Biblioteca, se houver, é um espaço somente de leitura, embora conheçamos casos em que ela é utilizada para isolar momentaneamente aqueles que perturbam a ordem das salas de aula (SACRISTÁN, 2005, p. 144).

Esses demais usos da biblioteca, assim como o de “somente de leitura”, criaram, com o tempo, o imaginário de castigo, de punição. Ou seja, estar na biblioteca, num ambiente que deveria oportunizar momentos prazerosos de leitura, pode também estar articulado a uma má conduta de alunos que ali devem permanecer como forma de punição. O autor nos faz pensar e indagamos: como um espaço que remete à disciplina e ao controle, que são características ainda vigentes nas escolas, pode despertar desejo e apreço pelo prazer de ler? Talvez, a partir dessas constatações, expliquem-se as mudanças na estrutura da biblioteca escolar e a busca por novos espaços, dentro da própria escola, para assumirem a identificação de “espaço de leitura”, espaço que se relacione com o prazer de ler.

Para Medonça (2008), a importância da biblioteca escolar é tão grande que pode ser comparada ao cérebro humano. O cérebro é o responsável pela organização de informações que adquirimos ao longo da vida, logo, para o autor, a biblioteca cumpre esse mesmo papel nas escolas: é “[...] a força motora de qualquer instituição” (MENDONÇA, 2008, p. 385). Além disso, o autor ressalta que não é papel apenas do bibliotecário cuidar e preservar esse espaço, mas de toda a comunidade escolar:

Uma biblioteca escolar é para a escola e vive na escola, e sendo da escola, deve compartilhar com ela os ideais e as atividades desenvolvidas. Acompanhar o calendário de eventos, festividades e provas é obrigação do bibliotecário escolar, constituindo-se como primordial instrumento para seu trabalho e diálogo. Dialogar com a direção, com o professor e até mesmo com os alunos e seus pais é o que lhe vai permitir oferecer um serviço de alta qualidade, ativo, em constante renovação e suficiente para suprir as necessidades as quais se propôs a atender (MEDONÇA, 2008, p. 387).

Além do bibliotecário, os professores também precisam ocupar o papel de incentivar o uso da biblioteca, especialmente por meio de seu exemplo de leitor entusiasmado pelas leituras que indica. A leitura literária deve ser “[...] acompanhada de outras formas de estímulo à leitura, a serem inventadas pelo professor e pelos alunos” (BERNARDO; 2013, p. 85).

Considerando as características da escola hoje, dos espaços da biblioteca e da leitura a partir de uma breve reflexão teórica, seguimos a escrita deste texto, direcionando, a partir de agora, o nosso olhar diretamente para os atores envolventes, nesse caso, os estudantes. Sob a ótica, as percepções, as narrativas daqueles que tanto transitam nesse espaço e tão pouco são ouvidos, apresentamos, a seguir, a metodologia utilizada nesta pesquisa e, na sequência, as imagens produzidas pelos estudantes, assim como os diálogos que circundaram essa temática ao longo dos nossos encontros com os jovens.

4 Trilhas de uma investigação

A pesquisa que apresentamos é de cunho qualitativo e propõe um trabalho de discussão coletiva com os estudantes, por meio de grupo focal (BAUER; GASKELL, 2015) e de *photo elicitation* (BANKS, 2001). Na técnica de grupo focal, o pesquisador reúne um grupo de pessoas voluntárias para discutir uma temática previamente selecionada; a partir dela, os participantes debatem de acordo com suas ideias e opiniões: “[...] ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas” (BAUER; GASKELL, 2015, p. 73). O grupo focal, em nossa investigação, permite que os estudantes exponham suas opiniões, questionem e complementem o que está sendo falado pelo outro, ampliando suas próprias percepções a partir da voz de seu colega.

A foto elicitação (*photo elicitation*), por sua vez, caracteriza-se pela discussão coletiva de imagens: “Envolve o uso de fotografias para evocar comentários, memória e discussão no decorrer de uma entrevista semiestruturada” (BANKS, 2009, p. 89). No caso desta pesquisa, fotografias foram produzidas pelos próprios estudantes, colocando o grupo como participante ativo e responsável no processo da investigação. Após a produção das fotos, elas são compiladas em um arquivo, e os estudantes assistem coletivamente a todas as imagens, discutindo ângulos, detalhes e cenários fotografados, além de provocarem um ao outro sobre o que pensaram quando produziram a sua imagem.

Marcus Banks (2009) aponta para duas correntes encontradas nas pesquisas que se utilizam de metodologias visuais e demonstra a importância de se esclarecer cada um dos dois tipos de pesquisa. O primeiro é a criação de imagens pelo próprio pesquisador, para documentar e analisar aspectos da vida e das interações sociais. O pesquisador estará, a todo momento, fazendo anotações em um pequeno bloco, utilizando o gravador e fotografando:

Todos esses métodos envolvem a criação de imagens pelo pesquisador social, independentemente de os sujeitos de pesquisa conhecerem ou não, compreenderem ou não, ou mesmo se interessarem ou não por essas imagens (BANKS, 2009, p. 19).

A segunda corrente utilizada em pesquisas visuais, e que é parte de nossa pesquisa, tem como foco as imagens produzidas ou consumidas pelos próprios participantes da investigação:

Aqui o foco do projeto de pesquisa é mais obviamente visual, e os sujeitos de pesquisa têm, de forma mais evidente, uma conexão social e pessoal com as imagens (BANKS, 2009, p. 21).

Para Banks (2009), um dos benefícios na pesquisa em que os próprios participantes produzem a fotografia que será utilizada na discussão no grupo é o de que possibilita que o sujeito participe de forma mais espontânea, deixando de lado a timidez que fica em evidência quando a pessoa é apenas entrevistada, por exemplo. Como afirma o autor:

[...] o contato direto do olhar não precisa ser mantido, mas em vez disso a pessoa entrevistada e os entrevistados podem tomar as fotografias como um tipo de terceira pessoa neutra. Os silêncios embaraçosos podem ser preenchidos enquanto ambos olham as fotografias e, em situações nas quais a diferença de status entre entrevistador e entrevistado é grande (como entre um adulto e uma criança) ou quando o entrevistado sente que está envolvido em algum tipo de teste, o conteúdo fotográfico sempre oferece algo para se conversar a respeito. (BANKS, 2009, p. 89).

Quanto ao tratamento dos dados desta investigação, é realizado por meio da análise de discurso foucaultiana (2002), que articula as relações poder-saber-verdade em meio a condições de emergência possíveis em determinados momentos. Busca-se fazer emergir visibilidades e possibilidades enunciativas acerca das configurações da escola na contemporaneidade através dos discursos dos estudantes, ou seja, não se trata, aqui, da busca pelas verdades escondidas nos relatos dos alunos concluintes do Ensino Médio e Fundamental.

No ano de 2015, foco deste trabalho, foram quatro encontros realizados em duas escolas (uma da rede pública e outra da rede privada) do Vale do Taquari (RS), com a participação de 35 estudantes do 9º ano, concluintes do Ensino Fundamental, e do 3º ano, concluintes do Ensino Médio. Os grupos aconteceram no espaço da escola, com duração de uma hora, em horários de aula e também em períodos sem aula, como atividade extraclasse. A seleção dos alunos foi feita através de um convite às turmas de estudantes concluintes, e participam aqueles que demonstram interesse de forma voluntária.

Cada um dos quatro encontros possui um tema central que é explorado no grupo focal e pela técnica de *photo elicitation*. No primeiro momento com o grupo focal, lançamos para os estudantes a seguinte pergunta: “Quais as funções da escola hoje?”. Eles debateram entre si, criando conceituações e comparações que buscavam caracterizar e dar sentidos à escola hoje. Percebemos o quanto os estudantes refletiram sobre o papel da escola já nesse primeiro encontro.

No segundo encontro, a questão norteadora lançada para o grupo foi: “Como a escola organiza os saberes e os conhecimentos?”. Nesse encontro, os estudantes foram incentivados a pensarem na divisão que a escola faz dos conhecimentos, as ênfases que percebem em algumas áreas, até mesmo destacando aquilo que gostariam que tivesse na escola.

No terceiro encontro, retomamos com os estudantes as discussões realizadas nos momentos anteriores e, a partir disso, propusemos que produzissem individualmente uma fotografia: “Como apresentar em imagem os sentidos e as funções da escola hoje?”. A imagem deveria apresentar as funções e os sentidos da escola para eles, seguida de uma legenda. Para isso, disponibilizamos câmeras fotográficas, e os estudantes saíram em busca de cenários na escola para produzirem suas fotografias.

No quarto e último encontro, as imagens, juntamente com a respectiva legenda, foram organizadas em uma apresentação. De acordo com a técnica de *photo elicitation*,

os estudantes contemplam as fotografias produzidas por cada participante e discutem coletivamente sobre as imagens. Os estudantes apontam para os detalhes de cada fotografia, buscam entender porque o colega pensou naquela imagem e o que a foto apresenta sobre as funções da escola hoje. As legendas direcionam o pensamento do grupo para aquilo que o colega tentou mostrar; discutem-se também ângulos, elementos, materiais utilizados para compor a imagem, cores, espaços.

Todos os encontros, com exceção do terceiro, foram gravados em mídia digital e foram posteriormente transcritos. Conforme os procedimentos éticos de pesquisa, os estudantes foram informados sobre as etapas da mesma, bem como sobre o sigilo e o anonimato. Para tanto, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado aos estudantes e assinado pelos responsáveis. Para este trabalho, utilizaremos a sigla “X” e “Y” para nomear as duas escolas participantes, e os estudantes, a letra “E”, seguida de um numeral, por exemplo: E1, E2, E3.

Na sequência do artigo, serão apresentados os resultados e a discussão sobre algumas das imagens produzidas pelos estudantes que se relacionam com a temática da leitura e do espaço da biblioteca. Como ressaltamos anteriormente, nem o livro nem o espaço da biblioteca foram nosso foco de estudo; contudo, as forças quantitativa e qualitativa dos resultados apresentados chamou a nossa atenção para esses dois elementos na vida escolar dos jovens estudantes, destacando sua importância.

5 O livro é de papel

Os jovens estudantes, quando indagados sobre o que pensavam sobre a escola e compartilhando seus olhares sobre a mesma, destacaram uma diversidade de elementos, tais como: a importância das relações interpessoais na escola, o papel social e político que essa instituição desempenha na vida deles, a estrutura curricular e a forma como a mesma é organizada pela escola, principalmente pela ênfase atribuída às disciplinas de Ciências Exatas, em contraposição ao tempo dedicado às Ciências Humanas.

O uso da câmera fotográfica, no terceiro encontro, foi algo que motivou os estudantes, pois mesmo familiarizados com a câmera do celular e com o ato de fotografar, agora, faziam-no através de um equipamento semiprofissional, exclusivo para esse fim. Através das lentes da câmera, os estudantes destacaram espaços e detalhes da escola, como fotografias das áreas de convivência da escola (quadras de esportes, pátio, pracinhas, área coberta), imagens de grupos, sala de aula, amigos e colegas e elementos típicos da escola – globo terrestre, cadeira, mesas, materiais escolares, bancos e classes.

As fotografias são acompanhadas de uma legenda, que foi elaborada por cada estudante (podemos visualizar a legenda de cada uma das imagens no título das figuras). Compreendemos, juntamente com Alves e Sguarbi (2001), que os estudantes produziram essas imagens a partir das suas experiências dentro da escola: “Em cada

foto, o fotógrafo faz um registro de si mesmo, marcando lugares e não-lugares nos espaços de sua própria vida” (ALVES; SGUARBI, 2001, p. 100). As fotos produzidas contemplam, portanto, o que os estudantes pensam ou relatam da própria vivência estudantil.

Entre as 35 imagens produzidas pelos estudantes durante a coleta de dados do grupo de pesquisa, os livros estão presentes em 17 delas, sendo 15 produzidas dentro do espaço da biblioteca. As figuras a seguir (1, 2, 3, 4 e 5), selecionadas para este artigo, correspondem a pelo menos uma fotografia de cada grupo de estudantes participantes. As três imagens primeiras imagens destacam os livros como elemento tradicional da aprendizagem e o uso do espaço da biblioteca escolar pelos estudantes concluintes. Na primeira imagem (Figura 1), os livros foram fotografados em seu espaço tradicional: as estantes de uma biblioteca.

Figura 1 – A base da aprendizagem



Fonte: Dados da pesquisa.

Tal fotografia (Figura 1), produzida pelo Estudante 5 (9º ano, escola X) dentro do espaço da biblioteca, mostra em destaque 22 livros. Percebemos que aquilo que está em evidência na fotografia não é o primeiro plano (onde a câmera provavelmente foi posicionada, em cima de alguns livros que se mostram fora de foco), mas o segundo. Na indicação da prateleira, escrito em preto, podemos ler “Literatura Americana”, apresentando títulos de obras e de escritores estrangeiros que são populares entre os

jovens estudantes, como Nicholas Sparks⁶ e Stephenie Meyer⁷. Entre os tons escuros dos livros na estante, uma obra se destaca pela capa cor de rosa: trata-se de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto – um livro nacional em meio aos estrangeiros. Um dos estudantes comenta: “O livro alimenta a nossa mente” (E4).

Vale lembrar que todos esses livros apresentados na imagem são leituras de literatura, e que os jovens estudantes, desde o início desta pesquisa, destacaram esses livros e a importância da escola ao ensinar a “paixão pelos livros”, especialmente os livros de literatura de ficção. Conforme Bernardo (2013), a leitura de textos literários, sem distinção de gêneros, é fundamental para a ampliação de perspectivas do estudante na escola: “A habilidade de ver as coisas por uma perspectiva diferente da sua é fundamental para resolver quaisquer dilemas que se apresentem em casa, na sala de aula, na rua, no laboratório, no escritório ou no palácio do governo. Essa habilidade se aprende e se estimula com a leitura de ficção” (BERNARDO, 2013, p. 84).

Nas discussões que se seguiram, os estudantes justificaram a produção da fotografia dizendo:

A maior parte das coisas que a gente sabe foi passado através dos livros, não tinha tecnologia. (E5). Porque eu prefiro livro palpável ao invés de digital, pegar na mão. (Pausa). Se estou com ele, o digital, eu posso estar fazendo outra coisa. E... com o livro, quando eu terminar eu faço outra coisa. É mais fácil. Eu pelo menos leio mais... (E4).

Em outro momento, um estudante do 9º ano comenta:

Esse ano por exemplo, a gente teve livro digital, a gente comprava um livro digital e ganhava um livro físico assim, eu prefiro o livro físico, não usei o digital. A gente tinha oportunidade de baixar o livro digital. (E6).

A discussão dos estudantes perpassou falas sobre o livro impresso e sobre como ele incentiva a continuidade da leitura: parece que a comparação com o livro digital é inevitável. Esse, conforme a fala dos estudantes, permite uma distração, uma possibilidade de “fazer outra coisa”, diferentemente do livro impresso. Destacaram também o quanto se aprende por meio dos livros – lembrando que a legenda escolhida pelo estudante foi: “A base da aprendizagem”. Para os jovens, é nas estantes da biblioteca que encontramos a base do que iremos aprender na escola.

A Figura 2 apresenta o estudante como aquele que busca a aprendizagem nos livros, no caso, livros impressos.

⁶ Escritor e roteirista americano. Entre as principais obras publicadas estão: *Diário de uma paixão* (1996), *Um amor para recordar* (1999), *Querido John* (2007), *A última música* (2009) e *Melhor de mim* (2011) – muitos deles adaptados para o cinema e sucesso de bilheteria.

⁷ Escritora americana conhecida pela saga *Crepúsculo* (2005), *Lua nova* (2006), *Eclipse* (2007) e *Amanhecer* (2008), que venderam cerca de 120 milhões de cópias ao redor do mundo.

Figura 2 – Buscando que se aprende



Fonte: Dados da pesquisa

E5 (3º ano, escola Y) produziu uma fotografia em que ela mesmo aparece, colocando-se de costas para quem a fotografou. Encontra-se com uma obra aberta à sua frente, e seu dedo indicador está sinalizando um círculo no livro didático que está lendo. Outros cinco livros do mesmo teor compõem a cena: *Sociologia*, *Iniciação à Filosofia*, *Matemática*, *Química*, *Língua Portuguesa*. Na discussão que seguiu à imagem, os estudantes dialogaram sobre a fotografia produzida pela colega:

Ela queria mostrar que é nos livros que conseguimos alcançar nossos objetivos. (E10).

Eu acho muito interessante a questão do livro, porque o livro é de papel, te prende... e a imaginação rola solta. (E2).

De acordo com os estudantes, e como discutido anteriormente, o livro impresso mantém a concentração na leitura, evitando distrações, possibilitando dar liberdade à imaginação. Interessante perceber que, ainda que em meio aos livros didáticos, houve referência à imaginação e à capacidade de imaginar. O que também aparece, uma vez mais, é o local destinado para a leitura, que é o espaço da biblioteca, tradicionalmente conhecido como espaço de estudo, de concentração, de silêncio. Essa mesma percepção aparece na Figura 3.

Figura 3 – Leitura, a base de tudo



Fonte: Dados da pesquisa

Na fotografia (Figura 3), o Estudante 9 (3º ano, escola X) encontra-se sozinho, sentado no chão, entre duas prateleiras de livros, na biblioteca escolar. O pescoço apresenta-se curvado, dando a impressão de que ele está lendo o livro em suas mãos. A imagem mostra uma cadeira pequena, para criança, contra a parede, atrás do estudante. Nas estantes estão os livros que preenchem as prateleiras, exceto pelas últimas, que se encontram com muitos espaços vagos, possivelmente à espera de novos exemplares. Na discussão dessa fotografia, os estudantes apontaram que é função da escola incentivar a leitura, mas que isso precisa ser realizado de forma prazerosa, e não obrigatória:

A leitura é realmente a base de tudo, por isso, na minha opinião o uso da biblioteca deveria ser mais incentivado. (E3).

E tipo, nós que já estudamos no Ensino Fundamental... Ensino Fundamental toda semana tem que pegar um livro, tipo é obrigatório ir lá e pegar um livro. Muitas vezes, eu vejo pelo meu irmão, ele não lê o livro, só pega porque realmente é obrigatório. (E8).

É... é dado como uma coisa meio chata. (E6).

Os estudantes falam que a leitura deveria ser prazerosa, e não obrigatória. Que o incentivo à leitura deve ser produzido cuidadosamente pela escola, que deveria se guiar pelo prazer de ler, e não pela obrigatoriedade de retirar livros. Mas, como efetivar isso? Como os professores podem incentivar a leitura, orientados pelo prazer de ler?

Podemos entender os sentidos que a leitura e o espaço da biblioteca ocupam na escola, sendo eles os responsáveis pela “base da aprendizagem”, como enfatizado pelos jovens. Mesmo imersos na tecnologia e fazendo uso dela diariamente, os estudantes destacam o aspecto físico dos livros, ao indicarem a importância de “segurar com

as mãos”, de ser o melhor suporte para a leitura, de atribuir aos livros a base do conhecimento e da imaginação.

Uma visão diferente é apresentada por Sibia (2012), quando escreve que a relação dos jovens com a leitura tem assumido outras características na escola contemporânea. A diferença está na forma e no tipo de leitura praticada pelos jovens estudantes (interações na internet e recados enviados pelos telefones móveis, por exemplo), afirmando que poucos leem ou frequentam o espaço da biblioteca. Em contrapartida, os resultados deste trabalho apontam para o grande interesse e o valor que a leitura possui para os jovens. Nas discussões realizadas, eles enfatizaram o prazer da leitura e o quanto a consideram responsável pela aprendizagem e pelo conhecimento na escola.

Destacam também que a leitura não necessariamente precisa ocorrer no espaço da sala de aula ou da Biblioteca, como destacado pela Figura 4.

Figura 4 – Ler e aprender



Fonte: Dados da pesquisa

A Figura 4, intitulada “Ler e aprender”, produzida pela Estudante 5 (9º ano, escola Y), apresenta os livros em um espaço diferente dos demais: ao invés do espaço da biblioteca ou da sala de aula, aparece, agora, o pátio, local de convivência na escola. Nessa imagem, vemos uma mesa azul de concreto e, em cima dela, um livro⁸, além de alguns materiais escolares (caderno, estojo, régua). Atrás da mesa, vemos uma árvore

8 *Supernatural* – o Diário de John Winchester, dos autores Dan Panosian e Irvine, de 2011.

que ocupa todo o restante da fotografia, além da grama e de um muro, ainda atrás da árvore. Na discussão que se seguiu, os estudantes falaram sobre as possibilidades que a escola deveria oferecer de também se estudar fora da sala de aula, como no pátio, por exemplo.

Que a gente não precisa só estar estudando dentro da sala de aula, dentro da biblioteca, dentro da... a gente pode estar ao ar livre estudando. É... ao ar livre fazendo pesquisa, como a gente fez as fotos, a gente podia fazer dentro ou fora da escola. (E6).

Eu acho que a gente não precisava ficar só dentro da sala, tipo... estudando dentro do bloco de cimento. Digamos assim, a gente podia ir mais para a rua. (E2).

Além de os livros serem considerados, pelos estudantes, responsáveis pelo conhecimento e pelo saber, eles também estão relacionados ao lazer e ao prazer da leitura. Na discussão, os estudantes disseram que gostariam de ter mais momentos de estudos fora da sala de aula, em espaços abertos. Ao contrário do que muitas vezes se diz sobre os estudantes que não gostam de ler e nem de estudar, as imagens produzidas demonstram que eles gostam de ler e de estudar, e sugerem que a escola incentive mais a prática da leitura como algo prazeroso, em espaços não formais de aprendizagem.

Figura 5 – Os livros nos levam aos mais diversos lugares



Fonte: Dados da pesquisa.

A Figura 5, produzida por um estudante do 3º ano, apresenta o espaço da biblioteca escolar. A imagem aparenta ter sido fotografada logo na entrada da biblioteca, pois nos permite uma visão ampla do local. Chama a atenção a quantidade de livros que

compõem a cena: livros que enchem as prateleiras das estantes e livros que estão dispostos no balcão, que aparece em primeiro plano na foto. O colorido da foto deve-se principalmente pela cor das capas dos livros, porque podemos perceber que as paredes, o chão e o teto são de cores neutras; são os livros que enchem a fotografia de cor.

Ainda é possível ver na fotografia algumas mesas de estudo, que estão vazias, o que nos leva a pensar: é algo comum ou o aluno conseguiu produzir a imagem coincidentemente quando não havia ninguém na biblioteca? A fotografia também se destaca pela paisagem de um pôr-do-sol que faz com que a luminosidade adentre pelas seis janelas que aparecem na imagem. Talvez não tenha sido a intenção do estudante, mas a legenda que ele elaborou para essa fotografia, “Os livros nos levam aos mais diversos lugares”, poderia justificar o ângulo escolhido, que contemplou as janelas da biblioteca e o belíssimo pôr-do-sol que acontecia naquele momento. Enfatizou igualmente que a leitura faz com que a imaginação crie forma, que é capaz de levá-los para outro lugar. Na discussão que se seguiu, os estudantes destacaram:

Os livros são muito importantes para as nossas vidas acadêmicas, mas também para o nosso lazer. Os livros estão diretamente envolvidos com a educação, acredito eu, que muitos alunos aqui da escola nunca pegaram um livro na mão, então eu acredito que uma maneira de incentivo à leitura é ler para os jovens desde cedo, porque quando se tem interesse, os alunos se interessam pelo o que a história conta. A educação é gostar e se dedicar a leitura. (E1).

Eu acredito que não é só achar lindo quem lê, é também mostrar interesse e ir atrás de conhecimento que os livros dão pois eles podem surpreender quem lê. Muitas pessoas não gostam de ler, porque acham que isso é ruim, brega, cafona, mas ao passo que leem veem que esse mundo pode ser bem diferente do que elas achavam que eram. Eu mesma não gosto de ler muito, eu só gosto de ler um tipo de gênero que é romance, mas se eu parar para pensar os outros gêneros também são interessantes e também devem ser lidos, tudo muda quando se lê um livro, a forma de escrever, pensar. (E2).

Os estudantes conversaram sobre as potencialidades da leitura e sobre como nos identificamos com determinados tipos dela. Também destacaram o quanto a leitura é um costume, uma vez que indicaram que se deve ler para os jovens, incentivando-os através do exemplo. Outra questão que ressaltaram é o quanto a leitura auxilia no desenvolvimento de outras habilidades, como o pensar. Não estão os estudantes apresentando justificativas para o incentivo da leitura justamente para os próprios jovens?

A Figura 5 desconstrói o que Sacristán (2005) havia indicado sobre uma das formas utilizadas para o espaço da biblioteca, a do castigo para aquele que não deve ficar na sala. O espaço fotografado pelo estudante é o oposto daquele que se espera do espaço de punição: a biblioteca apresentada é convidativa, representa um espaço agradável de se estar, parece contemplar também a presença desse espaço “a céu aberto”, apresentado pelo céu, ao fundo. Não quis o estudante mostrar o colorido que lembra a vida existente na biblioteca?

6 A imaginação corre solta...

Ao concluir, destacamos inicialmente a participação ativa dos estudantes nos encontros, discutindo sobre as funções e os sentidos da escola. Existe interesse em pensar sobre a instituição escola, conforme verificamos nos resultados apresentados por esta pesquisa. Um sentimento de pertencimento faz parte dos encontros, e a autorreflexão em relação ao ser estudante, nessa escola, deste tempo, igualmente se faz presente. Os estudantes também se maravilharam ao utilizar as máquinas fotográficas, produzindo imagens por meio do olhar no obturador, o que permitiu diferentes ângulos e enquadramentos e oportunizou captar um momento específico do seu cotidiano escolar.

Nessa rotina, muitas vezes o espaço da biblioteca e a presença dos livros de literatura passam despercebidos – especialmente para os professores e gestores desse universo escolar – mas marcaram presença nas fotografias e nas falas dos jovens estudantes, constituindo-se um importante resultado de pesquisa. Ainda que falemos sobre a escola contemporânea, ainda que destaquemos a presença constante da tecnologia na vida dos jovens estudantes, é pertinente o destaque ao livro impresso, um dos elementos mais tradicionais da escola e que continua aparecendo de forma marcante, nesse espaço, como um dos meios que levam ao aprender. Vale destacar a presença dos livros de literatura pelos estudantes, pelos quais “a imaginação corre solta”.

A pesquisa segue em andamento, buscando contribuir e ampliar a discussão sobre as funções da escola básica na atualidade, por meio do olhar criativo dos estudantes concluintes do Ensino Médio e Fundamental. Segue provocando estudantes a pensarem sobre as funções da escola, assim como movimenta os demais envolvidos com ela. Como não se deixar envolver por jovens pensantes que, por meio de falas potentes e de fotografias criativas, retratam a escola contemporânea?

Referências

AQUINO, Júlio G. **Do cotidiano escolar**: ensaios sobre a ética e os seus avessos. São Paulo: Summus, 2000.

AQUINO, Júlio G. **Instantâneos da escola contemporânea**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

BERNARDO, Gustavo. **Conversas com um professor de literatura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BANKS, Marcos. **Visual methods in social research**. London: Sage, 2001.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CORDEIRO, Rosane. Professora fala que Brasil tem formado cidadãos sem o hábito da leitura. **ZH Clic RBS**. 02/01/2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/01/professora-fala-que-brasil-tem-formado-cidadaos-sem-o-habito-da-leitura-4376387.html>>. Acesso em: 07 out. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MASSCHLEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MEDONÇA, Fernando. A estrada da vida: a leitura e a biblioteca escolar no ensino. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 379-389, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/573/692>>. Acesso em: 14 out. 2016.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 137, p. 661-684, ago. 2009.

RODRIGUES, Maria Fernanda. 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura. **Estadão Cultura**. 18/05/2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>>. Acesso em: 23 out. 2016.

O livro é de papel, e a imaginação rola solta: a biblioteca escolar na ótica de jovens estudantes

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Recebido em: 27/10/2016

Aprovado em: 08/08/2017